

**A REDE DE SOLIDARIEDADE NO DIÁLOGO ENTRE ESCRITORES
AFRICANOS E TIMORENSES: A URGÊNCIA DA POESIA DE XANANA
GUSMÃO E O TESTEMUNHO DE TERESA AMAL**

Suillan Miguez Gonzalez*

Resumo: este trabalho flagra as relações literárias estabelecidas entre escritores africanos e timorenses no período de silenciamento do povo de Timor-Leste – ex-colônia portuguesa localizada no sudeste asiático – devido ao longo período (25 anos) de sangrenta invasão empreendida pela Indonésia iniciada em 1975. A partir dos estudos desenvolvidos pelo professor Benjamin Abdala Jr., discute-se o caráter de *comunitarismo* entre os países de língua portuguesa e a perspectiva da solidariedade quanto à intervenção realizada por escritores moçambicanos e angolanos ao legitimarem e registrarem o significado do povo leste-timorense por publicarem obras com tal temática no momento de contrariado subjugo. Para elucidar tal diálogo, as poesias do timorense e chefe da guerrilha Xanana Gusmão e o testemunho da cronista angolana Teresa Amal foram trazidos à baila. Desta maneira, chegou-se à conclusão de que uma rede de solidariedade foi forjada em resposta ao chamado contido na obra de poesias *Mar Meu* de Xanana Gusmão, em que reconhecidos escritores africanos participaram, como Mia Couto, Agualusa e Craveirinha.

Palavras-chave: Timor-Leste; literaturas Africanas; solidariedade.

**SOLIDARITY NETWORK IN THE DIALOGUE BETWEEN AFRICAN AND
TIMORESE WRITERS: THE URGENCY OF POETRY OF XANANA GUSMÃO
AND THE WITNESS OF TERESA AMAL**

Abstract: this work catches the literary relations between African writers and Timorese in the silencing period of East Timor - a former Portuguese colony located in Southeast Asia - because of the long period (25 years) of bloody invasion undertaken by Indonesia started in 1975. From the studies carried out by Benjamin Abdala Jr., it discusses the character of communitarianism among Portuguese-speaking countries and the prospect of solidarity on the intervention carried out by Mozambican and Angolan writers to legitimize and register the significance of the East Timorese people for publishing works on this theme at the time of disgruntled subjugation. To elucidate such a dialogue, the poetry of the East Timorese leader Xanana Gusmão and guerrillas and the testimony of the Angolan columnist Teresa Amal were brought to the fore. In this way, we came to the conclusion that a network of solidarity was forged in response to the call contained in the work of Mar My Xanana Gusmão poetry, in which recognized African writers attended, as Mia Couto, Agualusa and Craveirinha.

Keywords: East Timor; African Literatures; solidarity.

* Doutoranda e Mestre em Estudos comparados de Literaturas de língua portuguesa pela Universidade de São Paulo.

Introdução

Dentro do cenário das literaturas de língua portuguesa, percebe-se um “mapa” muito bem estabelecido de estudos centrados nos países de língua oficial portuguesa do Ocidente. No entanto, há um roteiro quase inédito de obras a serem prestigiadas no mundo oriental colonizado pelos portugueses, que oferecem experiências históricas, culturais, e mesmo diálogos ainda não evidenciados, mas ocorridos.

Os laços de solidariedade – já referenciados pelo estudioso brasileiro Benjamin Abdala Jr. em *De Vãos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos* (2003) considerando haver no macrossistema literário de língua portuguesa uma perspectiva de comunidade e espírito intervencionista – podem ser apontados a partir de uma considerável contribuição dos escritores africanos, mais propriamente de Angola e Moçambique, por legitimarem e registrarem o significado do povo de Timor-Leste no momento de contrariado subjugo e silenciamento.

A tríade timorense mais conhecida e reconhecida, internacionalmente, constituiu-se de Xanana Gusmão, Ramos-Horta e Luís Cardoso. Todos foram amplamente premiados por levar a cabo o ideal de libertação (sendo o primeiro e o último por produzir literatura na língua da resistência, apesar de tudo), a princípio restituição do poder aos “nativos” e depois para a luta estratégica dentro e fora de Timor. No entanto, este trabalho se limitará a discutir a empreitada de poeta a que Gusmão recorreu como recurso de motivação para a resistência e denúncia contra seu povo. Esta voz ecoou longe, chegando aos ouvidos e coração da angolana Teresa Amal, que, por sua vez, respondeu ao chamado com duas obras sobre Timor, sendo a primeira delas, *Timor-Leste: Crónica da Observação da Coragem*, eleita para a defesa do surgimento de uma rede de colaboração e solidariedade entre escritores africanos e timorenses.

O mosaico histórico da frágil literatura timorense

Sabe-se, como registro literário, do desbravamento português chegando às ilhas orientais do Pacífico, como o eternizado por Camões, em *Os lusíadas*, nos versos em que Timor é apresentado já em língua portuguesa: “Ali também Timor, que o lenho manda/Sândalo, salúífero e cheiroso” (CAMÕES, 2006, p. 282). Estabeleceu-se, então, o início da relação de Timor-Leste com a cultura e língua portuguesa, nas quais não se constituíram como herança provisória.

Séculos depois da conquista do território timorense, independente e falante de língua portuguesa, o país passou a ser alvo de pesquisas quanto à literatura que produz, mas ainda não de tantos quanto merece. Os estudiosos acabam por não alcançá-lo com a mesma sede com a qual perseguem os artefatos literários produzidos no Ocidente (se se pensar nas literaturas africanas de língua portuguesa). Macau, Goa e Timor-Leste abrigam processos históricos únicos que revitalizaram a herança lusófona na diversidade cultural em que se contextualizam. Em meio à invenção de que se faz do Oriente, ao invés de verdadeiramente conhecê-lo, é que se encontra Timor: o “crocodilo adormecido” no meio do Pacífico, à espera do interesse da comunidade internacional de países em experienciá-lo através da cultura e literatura local.

Para compreender o mosaico de questões determinantes para as frágeis manifestações literárias, deve-se levar em conta que Timor-Leste é o país mais recentemente independente da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, contando com um pouco mais de uma década de exercício da democracia. É ex-colônia portuguesa, mas possui um processo histórico longo em que se tornou território invadido com a tomada da ilha pelos japoneses na Segunda Guerra Mundial, e, posteriormente, da mais sangrenta e duradoura invasão empreendida pela Indonésia em 1975. Suharto, ditador indonésio, sustentou por 25 anos o extermínio do povo timorense e o apagamento da cultura do colonizador português, a começar pela imposição ferrenha do *bahasa* indonésio como língua da educação formal nas escolas.

Desde então, as políticas do invasor acabaram por oprimir qualquer produção cultural ou de livre expressão por parte dos timorenses. No entanto, diante da força bélica indonésia, uma guerrilha foi convocada e liderada por Xanana Gusmão, enquanto o timorense Ramos-Horta e o português Dom Ximenes Belo bravamente buscavam simpatizantes da causa timorense na comunidade internacional, de forma a denunciar os inúmeros crimes cometidos contra a dignidade do povo de Timor. Com tal situação posta, a língua portuguesa era utilizada apenas na rede de comunicação criada pela guerrilha para a resistência: a luta recuada e estratégica a partir das montanhas.

Milhares de guerrilheiros foram mortos e junto a eles se enterrava a língua do colonizador, eleita, então, como indício identitário do *ser* timorense. Somente com a restauração da independência é que isto foi confirmado, porque o português e o *tétum* foram implementados como línguas oficiais do país. A língua portuguesa, apagada em mais de um sentido no Timor, acabou por ser reinserida há pouco mais de uma década, o que faz com que se pense não haver habilidade e afetividade suficiente para que

surjam produções literárias timorenses em língua portuguesa, mesmo com a estabilização política atingida. Entretanto, já existem escritores leste-timorenses publicando em português, como os reconhecidos Luís Cardoso, Fernando Sylvan, João Aparício e o próprio Xanana Gusmão, que contribuem, inicialmente, para as primeiras “manifestações literárias” (no sentido proposto por Antonio Candido) de Timor-Leste.

No concernente à contemporaneidade ou apenas a ela em termos da viabilidade da literatura timorense, acredita-se que a abordagem quanto à formação ou constituição de um sistema literário esteja mais coerente com a proposição de Benjamin Abdala Jr. Menos preocupado com a autonomia do que com as relações, ele não partilha da ideia de que algumas literaturas são completas e outras incompletas (portanto, menores) como parece ocorrer nas proposições de Candido.

Abdala atenta, assim, para as particularidades dos nacionalismos literários em cada literatura de língua portuguesa, mas seu engajamento crítico vai além, porque tem uma visão abrangente sobre o cunho internacional ou supranacional. O olhar deste estudioso aponta, assim, para fenômenos de inter-relação literária. Neste ensejo, encontram-se obras sobre o Timor produzidas por portugueses e luso-africanos, numa manifestação legítima da inter-relação da literatura quando há a necessidade de intervir, de demonstrar o *comunitarismo* entre as Literaturas de Língua Portuguesa e adotar a causa do outro como a própria.

Exemplo disto é a solidariedade dos povos africanos a partir da experiência de subjugação destes poder ser percebida na produção de obras de Teresa Amal, José Rodrigues dos Santos e Joana Ruas, para que a versão dos silenciados tenha espaço e o povo timorense não sofra em vão e isoladamente. A marca da resistência na literatura local – neste artigo, representada por Xanana Gusmão – e a da solidariedade na literatura estrangeira sobre o Timor – a partir da obra-testemunho de Teresa Amal – delineiam ou sugerem as primeiras pistas de onde estudos como este podem iniciar a empreitada de apresentar uma obra timorense em língua portuguesa como parte da inter-relação entre países lusófonos, do próprio colonizador e de mundos (ocidental e oriental) no forjar de uma rede de solidariedade.

Kay Rala Xanana Gusmão e a urgência da poesia para a resistência

O líder da guerrilha, poeta, pintor e político Kay Rala Xanana Gusmão, em momento crucial da história de Timor, forjou sua única obra poética, *Mar Meu* (1998),

combinada com pinturas produzidas durante o período de encarceramento. O que viria a ser o multienunciador da causa timorense, quanto à luta pela expulsão dos indonésios, expressou em versos e pinceladas a reivindicação pela liberdade de seu povo – diminuído pela diáspora e, principalmente, pelo assassinato em massa.

Negado a ele o exercício da resistência via confronto estratégico em território timorense, encontrou na poesia outro meio de enunciar o conjunto de ideais a que a escritora portuguesa Joana Ruas definiu como “almamundo”, atribuição relacionada ao senso de coletividade do povo leste-timorense, determinante para o movimento da resistência. Neste sentido, o projeto que significa a obra em questão quer como interlocutores não somente a comunidade internacional, mas os próprios timorenses, uma vez que foi forjada em *tétum* e em português, além de ser traduzida para o inglês.

Nove poesias compõem o livro, encabeçadas pelo poema anunciativo do estado de torpor e privação de direitos, realidade sustentada por vinte e cinco anos para a verdadeira conquista da independência:

Estou em guerra
o céu não é meu
Estou em guerra
o mar não é meu
Estou em guerra
e a vida só se conquista
com a morte...
na esperança de recuperar
O meu mar! (GUSMÃO, 1998, p.12)

De pronto, percebe-se que a obra está posta a serviço da causa da libertação social e nacional do povo de Timor-Leste. E daí ser pensada como literatura de resistência, isto é, um produto literário elaborado no período em que vigora o colonialismo, e que cumpre uma destacada função de denúncia, oposição e combate ao poder imperialista. Tal resistência se dá em uma realidade socio-literária resultante da imposição política e cultural em que está ausente qualquer tipo de autonomia (quer sistêmica quer política), e que mantém um código estético próprio e afastado de considerações em termos de qualidade literária ou mesmo integração a um cânone mundial (periodização e gêneros literários, a literatura como luxo ou a exclusiva reivindicação do prazer do texto, entre outros).

Um lugar central é ocupado pela denúncia das atrocidades e do genocídio derivados da ocupação indonésia, material temático presente na, praticamente, totalidade dos poemas quer de uma maneira mais ou menos latente, como, por exemplo,

na metonímia utilizada para descrever os bombardeamentos procedentes dos barcos de guerra do colonizador/invasor: "Do mar, do meu mar,/ vinham tremores/ saídos de barcos" (GUSMÃO, 1998, p.16), quer de maneira explícita e brutal por meio da linguagem descarnada utilizada, por exemplo, na descrição das torturas e violações de que são vítimas as mulheres de Timor pelos soldados ocupantes no poema intitulado "Gerações":

...uma mãe gemia
sem forças seu corpo desenhava
marcas da angústia
esgotada
Os farrapos que a cobriam
Rasgados
no ruído da sua própria carne
sob o selvático escárnio
dos soldados indonésios
em cima dela, um por um
Já inerte, o corpo da mulher
se tornou cadáver
insensível à justiça do punhal
que a libertara da vida [...] (GUSMÃO, 1998, p.36-38)

Repare-se como Xanana denuncia o efeito devastador das torturas colocando como objeto da brutalidade extrema dos militares indonésios a figura vulnerabilizada da mulher, continente de vida, imprescindível geradora do porvir e vítima da agressão sexual praticada como arma de guerra pelas forças de ocupação. Porém, ainda na poesia de Xanana Gusmão "Gerações", é a mesma violência da repressão que quer matar na raiz o futuro de Timor a parreira da resistência necessária para a construção, por meio da luta, de um futuro em liberdade reservado para as crianças:

As lágrimas secaram
nas lembranças das crianças
veio o suor da luta
porque as crianças cresceram
Quando jovens seios
estremecem sob o choque eléctrico
e as vaginas
queimadas com pontas de cigarro
quando testículos de jovens
estremecem sob o choque eléctrico
e os seus corpos
rasgados com lágrimas
eles lembram-se, eles lembram-se sempre:
A luta continuará sem tréguas! (GUSMÃO, 1998, p.38)

Desta maneira, a poesia quer cumprir a sua função de chamada à mobilização e à resistência coletiva no interior da pátria ocupada; utilizada "para criar filhos/ e ensinar-lhes a crescer e a amar/ a Pátria de Timor!" (GUSMÃO, 1998, p.31). A obra de Gusmão formula a (des)esperançada realidade de que só o sofrimento pode trazer a libertação, evidenciada em "Esperanças rasgadas":

Timor
onde as pessoas
nascem para morrer
pela esperança
em rasgos de dor
em rasgos de carne
em rasgos de sangue
em rasgos de vida
em rasgos de alma
em rasgos
da própria liberdade
que se alcança...
com a morte! (GUSMÃO, 1998, p. 26-28).

A poesia de Xanana Gusmão pretende funcionar no interior da terra devastada como instrumento de denúncia da opressão e chamamento à revolta, assumindo e utilizando em seu benefício a componente épica ligada à renúncia à própria vida ou à liberdade individual que a longa marcha cara ao fim da opressão pode implicar para quem se envolver na luta.

Neste sentido, na lógica épica da resistência, os oprimidos são elevados à categoria de heróis que acrescentam um caráter simbólico perante o povo em progressão geométrica ao sofrimento impingido pelo opressor. Entre eles, em lugar destacado, também se encontra o poeta-soldado, símbolo máximo e referência na resistência maubere e, causa do aprisionamento de Xanana Gusmão pelas tropas da Indonésia em "20 de Novembro de 1992", data que dá título ao poema em que o escritor lembra "A amargura da sorte/ que parou uma marcha/ na luta" (GUSMÃO, 1998, p.34), e mudou o seu destino para sempre.

Entretanto, com um sistema literário praticamente inexistente no interior da terra ocupada, em condições materiais de produção editorial inviáveis, sem instituições, sem público alfabetizado, sem distribuição, a poesia da resistência timorense só encontra no exterior o espaço necessário para a sua circulação e funciona, conscientemente, como instrumento a serviço da internacionalização da luta, e como chamamento à solidariedade.

E se no prefácio ao cuidado de Mia Couto fica já esclarecido que “os timorenses não estão sós: por isso não estão condenados ao silêncio” (GUSMÃO, 1998, p.8), através do poema "Paz, 'Ngola!" é o próprio Xanana Gusmão quem procura as analogias entre o sucedido processo de libertação do povo angolano e aquele que estava a sofrer na altura: o povo de Timor; e coloca o fecho de ouro à ponte entre o passado e o futuro do seu país dirigindo-se à "mulher negra, mulher/ irmã, guerreira companheira" angolana para lhe dizer que "Fomos irmãos, somos irmãos/ na dor das LUTAS/ Somo[s] irmãos, seremos irmãos/ Na liberdade da PAZ" (GUSMÃO, 1998, p.24).

Atendendo à interlocução reivindicada, Mia Couto, Agualusa e Craveirinha são exemplos de escritores que concederam resposta ao não somente tomarem conhecimento das obras timorenses no período de anulação identitária e massacre, mas ao legitimá-las. Neste sentido, é que a “mulher negra, mulher/irmã, guerreira companheira”, a escritora angolana Teresa Amal oferece o registro ocular de Timor sob conflito em *Timor-Leste: Crónica da Observação da Coragem*.

O testemunho de Teresa Amal e o diálogo entre escritores africanos e timorenses

Socióloga de formação, a angolana Teresa Amal demonstra seu engajamento e, conseqüentemente, relação com Timor, ao fazer parte da ONG “Acção Jovem para a Paz”. Foi designada para participar da Missão Oficial de Observação Portuguesa, de maneira a acompanhar a preparação e a realização da Consulta Popular prevista pelo Acordo de 5 de Maio assinado por Timor e Indonésia. Antes mesmo de se deslocar ao país, relata em *Timor Leste: Crónica da Observação da Coragem* (2002) a motivação pela qual se interessou em se candidatar para a “missão” em questão. Deve-se ao contato com as palavras de Xanana Gusmão, que não somente repercutiram junto aos guerrilheiros, mas arrebataram a comunidade internacional, oferecendo a todos a real chance de combate, de comoção, de tomada de atitude por uma causa de regaste da dignidade humana:

A vida é-me muitas vezes pesada. A lucidez torna-a muitas vezes quase intoleravelmente penosa. Acreditar na liberdade, na justiça, na compaixão, nas diferenças, no génio criativo da mente e da alma humanas, são os campos de resistência permanentes em que me movo. Eles alimentam as minhas alegrias e renovam a minha confiança. Até hoje, as palavras que com mais força ressoaram dentro de mim, inscrevendo nelas grande parte das minhas esperanças e convicções são aquelas com que o Comandante Kay Rala Xanana Gusmão, num momento particularmente difícil da história de libertação do Povo e

Nação timorenses (tinha sido recentemente preso), responde aos desalentados da Lutas: *a luta ganha-se aqui, depois aqui*, apontando para a cabeça e depois para o peito (AMAL, 2002, p. 12).

Percebe-se o não disfarçado envolvimento, o posicionamento tão sintonizado com o ideal do observado: a admiração, a entrega, a necessidade do registro, de ser possível resistir diante do improvável direito de *ser* timorense em território timorense:

Poderá parecer uma repetição inútil e até talvez maçadora a que faço da beleza da ilha de Timor e da coragem do seu Povo. Talvez me falte o génio para encontrar outras coisas e outras formas de o dizer mas se me ativer ao poder do que e com o que vi o que senti, não posso deixar de repetir mil vezes as mesmas coisas porque de tudo isso foi feita esta observação da coragem, até da natureza, de resistir sempre e sempre majestosamente a tantas punições injustas e incompreensíveis (AMAL, 2002, p.11).

O trecho acima, disposto antes que a “crônica” seja iniciada, vem como sobreaviso quanto à abordagem testemunhal se configurar uma proposta de apresentar a luta e a esperança de um povo feito de rostos, vozes e sons concretos, a cores. Ainda que se apresente com tom pessoal e de efetivo diálogo com o povo timorense, é também um registro histórico e contextualizado de Díli no coração da tragédia.

A organização da obra é peculiar, porque apresenta três partes iniciais sucintas nomeadas, respectivamente, por “A Crônica”, “Da observação” e “Da coragem”. Posteriormente aos comentários introdutórios e às justificativas contidos nessas páginas primeiras, retoma-se o relato, no entanto, em formato de diário, datado de 12 de agosto até 7 de setembro de 1999.

Ainda em Díli, à espera de autorização no trânsito entre a capital e Lospalos, Teresa Amal visita o hospital. Este evento gerou a primeira grande denúncia de outras maneiras de praticar o genocídio contra o povo timorense: pela não prestação de assistência médica básica, ou ainda, por transformar o lugar numa câmara de tortura/desesperança:

A maioria das enfermarias estava vazia, ou quase. Havia muito pouca gente internada. Pelo que me pude aperceber, só doentes muito graves que precisavam de intervenções cirúrgicas urgentes, ou que estavam tão desesperados que preferiam arriscar tudo e entrar naquela antecâmara da morte. Terrível. Duma forma diferente das imagens que vemos na televisão sobre os hospitais em África, por exemplo. Porquê, porque ali havia uma aparência de alguma normalidade. Uma vista desarmada poderia pensar que, apesar de pobre, aquilo era um hospital. Errado, o problema, o terrível, o horror, era pressentir, ver e cheirar que aquilo era o último passo para a morte de quem ia ali

parar. A Indonésia também ali implementava a sua política de genocídio (AMAL, 2002, p.25).

Como Xanana Gusmão, Amal compartilha, a partir do comprometimento com um testemunho crítico e visceral, a experiência da barbárie livremente difundida. Vê-se que se comporta como uma voz legítima, de confirmação de um colonialismo anulador, repressor e sanguinário, com políticas variadas de extermínio, desarticulação e aculturação.

O registro e a militância efetivados pela publicação de duas obras sobre o Timor coroam a relação próxima ao contexto timorense, principalmente em sua segunda obra *Sete Mulheres de Timor* (2006) em que há uma proposta de análise dos desdobramentos paradoxais gerados pela memória da guerra e mesmo da diáspora: “Há sempre um pretexto para festejar e é das festas que se constrói a paz porque é ali que as pessoas se encontram para conversar, dançar e cantar, juntando as suas alegrias. É, aliás, característica timorense, a realização de festas, mesmo nos piores momentos da sua história” (AMAL, 2006, p.76-77).

A relação cultural inter-sistêmica é fato em se tratando, principalmente, do período de interrupção da natural produção literária de Timor, mas de maior busca por diálogo e auxílio internacional. Não é difícil de entender a reivindicação da igualdade no sofrimento e na luta de Timor acontecer com as antigas colônias portuguesas se não como plasmação do desejo de proximidade e pertença a um inter-sistema cultural veiculado em língua portuguesa; vontade de inclusão neste que pode funcionar, no futuro, de apoio e reforço para o próprio sistema precarizado, de preenchimento dos inúmeros recomeços, e que já atua como referente de analogia e fonte de solidariedade, como um lugar no mundo onde se quer integrar o povo do leste da ilha de Timor.

A obra-marco da concretização do diálogo entre escritores timorenses e africanos é a antologia de poesias *Enterrem meu coração no Ramelau – Poesia de Timor- Leste* (1982), iniciativa da União dos Escritores Angolanos; posteriormente, tem-se *Crónica de uma Travessia: A época do Ai-Dik-Funam* (1997) do timorense Luís Cardoso com prefácio do angolano José Eduardo Agualusa, seguido por *Andanças de um Timorense* (1998) de Ponte Pedrinha, com prefácio do moçambicano José Craveirinha; e *Mar Meu* (1998) de Xanana Gusmão, cujo prefácio é do também moçambicano Mia Couto; além do romance *A Ilha das Trevas* (2001) do luso-moçambicano José Rodrigues dos Santos e as duas obras (2002 e 2006) já mencionadas da luso-angolana Teresa Amal, sugerem certo estreitamento de relação e da

manifestação de adesão ao movimento de resistência timorense, que obteve como resultado uma rede de solidariedade em prol da conquista, ou melhor, da retomada do “céu”, do “mar”, da “vida”, do ressurgimento de um novo sentido de liberdade em Timor, porque “resistir é preciso”.

Considerações finais

Ao se pensar nas manifestações artísticas timorenses, estas tiveram o seu meio revelador no interesse e na iniciativa para o diálogo, sobretudo com os portugueses e luso-africanos, marcando uma condição supranacional substanciada pela humanidade na qual a arte se faz presente e tão necessária em contextos deflagrados.

Os timorenses tiveram muitas vozes na rede de colaboração solidária, porque o que importava era não silenciar, para que os holofotes não se apagassem sob o Timor. Como intervenção local, Xanana Gusmão, o polígrafo da cultura timorense, empreendeu na guerrilha, na poesia, na pintura e atualmente na política a expressão artística da esperança e resistência. Apresentou à comunidade de países as emergências de seu povo com obras em língua portuguesa, idioma que possibilitou a internacionalização de Timor.

O fato de Timor ser um país pequeno, pobre (apenas economicamente) e ainda em construção, confirma o desinteresse que o mundo ocidental possui em relação a ele e acaba-o levando ao completo desconhecimento ou inexistência. Nessa perspectiva, na dinâmica do mundo economicista, o meio de o Timor dialogar concretamente com o mundo exterior passa pela produção literária. É pela expressão desta arte que o povo timorense reivindica alguma voz, mesmo que chegue ecoada a nós.

Referências

ABDALA, Benjamin Junior. **De Vãos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

AMAL, Teresa. **Timor Leste: Crónica da Observação da Coragem**. Coimbra: Quarteto, 2002.

_____. **Sete mulheres de Timor – Feto Timor Nain Hitu**. Santa Maria da Feira: AJP, 2006.

CAMÕES, Luís Vaz. **Os Lusíadas**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

CARDOSO, Luís. **Crónica de uma travessia: A época do Ai-Dik-Funam.** Lisboa: Dom Quixote, 1997.

GUSMÃO, Xanana. **Mar meu.** Porto: Granito, Editores e Livreiros, 1998.

PEDRINHA, Ponte. **Andanças de um Timorense.** Lisboa: Edições Colibri, 1998.

RUAS, Joana. Aproximar o distante - Do estranho ao familiar, duas experiências: Timor Leste e Guiné-Bissau. **Revista de Cultura**, Fortaleza, São Paulo, n. 7, jan./fev. 2009.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia de bolso, 2012.

SANTOS, José Rodrigues dos. **A Ilha das Trevas.** Lisboa: Gradiva, 2001.

UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS. **Enterrem meu coração no Ramelau – Poesia de Timor- Leste.** Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1982.